

# Diáspora Branca na África Austral (1914)

## *White Diaspora in South Africa (1914)*

 <http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v8i2.1594>

*Silvio Marcus de Souza Correa*

Professor do PPGH da Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC

e-mail: [silvio.correa@pq.cnpq.br](mailto:silvio.correa@pq.cnpq.br)

 <https://orcid.org/0000-0002-0364-6590>

Recebido em: 03/07/2015 – Aceito em 25/07/2015

**Resumo:** O presente artigo trata da deportação de alemães da então colônia alemã do sudoeste africano (atual Namíbia) para a então União Sul-Africana (atual África do Sul) em 1914. A análise enfoca o deslocamento forçado de centenas de pessoas e as consequências imediatas dessa diáspora em suas vidas. Com base na historiografia, em fontes hemerográficas, diários ou memórias como a de Hertha Brodersen-Manns (1891-1959), esse episódio se inscreve na fase final do colonialismo alemão em África, mas também numa história de diásporas sobrepostas.

**Palavras-chaves:** Diáspora, Colonialismo, África austral

**Abstract:** This article deals with the deportation of Germans from the whilom German South-West Africa (now Namibia) to the whilom Union of South Africa (now South Africa) in 1914. The analysis focuses on the forced displacement of hundreds of people and the immediate consequences of this diaspora in their lives. Based on historiography, newspapers, journals or memoirs like the book of Hertha Brodersen-Manns (1891-1959), this episode belongs to the final phase of German colonialism in Africa, but also taking part in the history of OverlappingDiasporas.

**Keywords:** Diaspora, Colonialism, South Africa

## Introdução

A formação do Atlântico foi marcada por histórias de migrações forçadas ou impelidas, de-gredos, exílios, etc. A política de povoamento da Coroa portuguesa se valeu da pena do de-gredo para ilhas atlânticas ou para a costa da Guiné, inclusive de judeus.<sup>1</sup> No final do século XV, houve uma deportação de crianças judias para a ilha de São Tomé, episódio dramático registrado por cronistas como Samuel Usque.<sup>2</sup>

A história da dispersão judaica pela Atlântico tem outros capítulos. Alguns deles têm pontos de intersecção com a diáspora africana.<sup>3</sup> Na literatura sobre diásporas, não raro há uma digressão do tema, com referência à “clás-sica” diáspora judaica na Antiguidade. Cabe lembrar das analogias de alguns arautos do abolicionismo e também do pan-africanismo entre a condição dos escravos africanos nas Américas e a dos judeus do cativo babilônico, assim como entre a diáspora judaica e a africana.

Além dos judeus ibéricos deportados para uma ilha atlântica no final do século XV, huguenotes franceses atravessaram o Atlântico para se estabelecer em colônias no Rio de Janeiro e na Flórida em meados do século XVI. No sé-

<sup>1</sup>Ver por exemplo a carta de perdão a Rodrigo Afonso, judeu, que fora condenado a degredo para as ilhas de Cabo Verde (14.03.1476, Chanc. D. Afonso V, L.6, fl. 49v, Arquivo Nacional da Torre do Tombo). Mercadores judeus também circularam pelo Atlântico sob a proteção e o controle da Coroa portuguesa até o final do século XV. Para isso, ver a carta de seguro a Abraão de Paredes, judeu, para que possa livremente navegar para a Guiné e fazer comércio (05.02.1451, Chanc. D. Afonso V, L.37, fl. 35v, ANTT); a carta de mercê a Josepe Alfaqui, judeu, pela qual poderá comerciar em terra de mouros (21.04.1843, Chanc. D. João II, L. 26, fl. 122v, ANTT); e, a carta de privilégio a Abraão Levi, judeu, pelos serviços prestados na cidade de S. Jorge da Mina (02.06.1486, Chanc. D. João II, L.21, fl. 59v, ANTT). Depois de 1497, com a conversão forçada dos judeus em Portugal, muitos cristãos-novos continuaram suas atividades comerciais no mundo atlântico em formação.

<sup>2</sup>Nascido em Lisboa, mas impelido a deixar Portugal em meados do século XVI, o judeu Samuel Usque (1530-1596) escreveu “Consolação às tribulações de Israel”, publicado em Ferrara (Itália) em 1553, no qual discorre, entre outros assuntos, sobre a diáspora dos judeus da Península Ibérica. No capítulo 27 de sua obra, trata do episódio da migração forçada de crianças de origem judia de

culo XVIII, ciganos que viviam em Portugal e no Brasil foram degredados para Angola.<sup>4</sup> Durante séculos, órfãos e degredados brancos e mestiços eram enviados para vários pontos da África enquanto africanos escravizados eram trazidos para as outras margens do Atlântico.<sup>5</sup> Ainda no final do século XIX, milhares de portugueses, brasileiros e outros eram degredados para Angola. Entre eles, havia centenas de mulheres, quase todas pobres e condenadas por crimes como infanticídio, assassinato, roubo etc. Essa diáspora feminina também faz parte da história do mundo atlântico.<sup>6</sup> Entre as migrações forçadas de um lado a outro do Atlântico durante séculos, o tráfico de africanos escravizados é a mais emblemática das experiências de diáspora no mundo atlântico. Contudo, outras formas de dispersão, inclusive mais recentes, ocorreram e tais experiências podem se enquadrar no mosaico contemporâneo das diásporas.<sup>7</sup>

Durante a Primeira Guerra Mundial, houve um episódio pouco tratado pela historiografia. Trata-se da deportação de alemães da então colônia alemã do sudoeste africano (atual Namíbia) para a então União Sul-Africana (atual África do Sul). Outros exemplos de migração forçada se seguiram. Durante a Segunda Guerra Mundial, famílias de origem europeia foram impelidas a deixar o continente africano. Outras foram alojadas como aquelas dos refugiados gregos no Congo belga. Entre 1942 e 1945, 2.800 gregos foram repartidos entre as províncias de Kivu, Katanga, Stanleyville e Ruanda-Burundi.<sup>8</sup> Para a África Ocidental Francesa, milhares de sírio-libaneses também migraram no *post bellum*. A propósito, a presença dos levantinos na Afrique Occidentale Française (AOF) e foi alvo de vários ataques na imprensa colonial durante as décadas de 1940 e 1950.<sup>9</sup>

Na segunda metade do século XX, durante os processos de descolonização e de independência, muitos brancos - sozinhos ou com suas famílias - deixaram a África. Inglaterra, França e Portugal foram alguns dos principais destinos desses “retornados”. Porém, muitos brancos eram nascidos na África. Tinham a nacionalidade inglesa, francesa ou portuguesa, entre outras, mas eles eram não mais que descendentes de europeus ou tinham deixado a Europa em tenra idade.<sup>10</sup>

Além da diáspora de “brancos”, houve também a diáspora de indianos durante o processo de independência de alguns países africanos, principalmente na África oriental. A literatura de Vidiadhar S. Naipaul e de Mia Couto, por exemplo, fizeram referência a isso em livros como *Uma curva no Rio e Terra Sonâmbula*, respectivamente. Também ditaduras provocaram diásporas. No início do governo de Idi Amin Dada, 63.000 asiáticos foram expulsos de Uganda. Dentre eles, 50.000 indianos, mesmo que muitos deles haviam nascido naquele país.<sup>11</sup>

Esses exemplos de grupos “desterrados” podem ser considerados como casos de diáspora quando o “desterro” impellido ou mesmo forçado tem como referência não necessariamente a terra ancestral, mas a terra “escolhida” para viver. Nesse sentido, pode ser considerada uma diáspora a experiência de colonos brancos ou comerciantes indianos que foram para a África e que tiveram que mudar de país ou mesmo abandonar o continente contra a sua

Lisboa para São Tomé. USQUE, Samuel. Consoação às tribulações de Israel. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

<sup>3</sup>DRESCHER, Seymour. “The Role of Jews in the Transatlantic Slave Trade”, in: ADAMS, Maurianne; BRACEY, John H. (org.) *Strangers & Neighbors: Relations Between Blacks & Jews in the United States*. University Massachusetts Press, 1999, p.106-115; AUSTEN, Ralph. “The Uncomfortable Relationship: African Enslavement in the Common History of Blacks and Jews”, in: ADAMS, M.; BRACEY, J. (org.) *Strangers & Neighbors: Relations Between Blacks & Jews in the United States*. University Massachusetts Press, 1999, p.131-136. FABER, Eli. *Jews, Slaves, and the Slave Trade: Setting the Record Straight*. New York University Press, 1998; FRIEDMAN, Saul S. *Jews and the American Slave Trade*. New Brunswick/New Jersey, 1998.

<sup>4</sup>PANTOJA, Selma. “A diáspora feminina: degredadas para Angola no século XIX (1865-1898)”, *Revista Textos de História*, v.6, n.1 e 2, UnB: Brasília, 1998, p.186.

<sup>5</sup>Em seu estudo sobre o degredo e a política de exílio do império português entre os séculos XVI e XVIII, Timothy J. Coates apontou para os vários destinos dos degredados no Ultramar. Entre outros, as ilhas do Atlântico e do Índico tinham um lugar importante no sistema de exílio usado tanto pela Inquisição quanto pelo Estado português. O destino variou também conforme a época, a jurisdição e o tipo de crime. Para crimes imperdoáveis, a ilha de São Tomé foi por séculos um dos principais destinos. COATES, Timothy. *J. Degredados e Órfãos: colonização dirigida pela coroa no império português, 1550-1755*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1998, p.165.

<sup>6</sup>PANTOJA, S. “A diáspora feminina: degredadas para Angola no século XIX (1865-1898)”, *Revista Textos de História*, v.6, n.1 e 2, UnB: Brasília, 1998, p. 207.

<sup>7</sup>A ampliação do conceito de diáspora e sua problematização na era da globalização têm sido feitas por vários estudos. Entre eles, cabe destacar os trabalhos de Robin Cohen, como por exemplo: COHEN, Robin. *Diasporas and the nation-state: from victims to challengers*. *International Affairs (Royal Institute of International Affairs)* vol. 72, No. 3, Ethnicity and International Relations (Jul., 1996), pp. 507-520; e, do mesmo autor: *Global Diasporas. An Introduction*. New York: Routledge, 2008.

<sup>8</sup>*La Revue Coloniale Belge*, Bruxelles, n.104, 01/02/1950, p.93.

<sup>9</sup>Para ficar num exemplo, ver as matérias sobre o tema de autoria de Maurice Voisin, redator chefe do jornal *Les Echos de l'Afrique Noire*.

<sup>10</sup>Sobre as diásporas brancas tem vindo a lume alguns romances nos últimos anos. Em Portugal, inclusive, há uma literatura de “retornados”. Entre outros, pode-se citar o livro *Os retornados*, de Júlio Magalhães, publicado em 2008. Na Espanha, foi publicado recentemente *Palmeras en la nieve*, de Luz Gabás. Neste livro, uma jovem espanhola viaja para a ilha de Fernando Pó (atual Bioko) para investigar o passado colonial de sua família. Em língua inglesa, a literatura pós-colonial também revisita o passado colonial. Publicado em 2001, o livro *Don't Let's Go to the Dogs Tonight: An African Childhood*, de Alexandra Fuller, trata da trajetória de uma família de pais racistas e recalcitrantes ao movimento de independência e cujo destino foi semelhante a de outros colonos brancos na então Rodésia (atual Zimbábue). Publicado em 2012, com o título *Lo que no se dice*, o livro da escritora Viviana Rivero tem como personagem principal uma descendente de uma família africânder que foi para a Patagônia, na primeira diáspora branca pelo Atlântico Sul do século XX.

<sup>11</sup>D'ALMEIDA-TOPOR, Hélène. *Naissance des États Africains, XXe Siècle*. Paris: Casterman, 1996, p.53.

<sup>12</sup>O tráfico de africanos escravizados foi, sem dúvida, o mais importante dos processos migratórios transatlânticos e de maior impacto na modernidade. A produção historiográfica sobre o comércio transatlântico de escravos é vastíssima. Para ficar num exemplo: ALENCASTRO, Luiz F. *O trato dos viventes. O Brasil na formação do Atlântico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

vontade.

## Da Diáspora

Desde o século XV, processos mais duradouros de migração forçada ou impelida foram plasmando os (re)fluxos humanos pelo Atlântico.<sup>12</sup> Mas houve também migração espontânea, outras temporárias ou cujo retorno já era previsto. Ademais, não se deve olvidar das migrações do século XIX, notadamente de alemães, italianos e outros grupos europeus. Isso não significa que todas essas migrações sejam casos de diáspora, como ver-se-á a seguir.

Mas antes de tratar da deportação de alemães para o território sul-africano em setembro de 1914, cabe apresentar alguns critérios que definem o conceito de diáspora que serviu para o estudo de caso a seguir. Em primeiro lugar, optou-se por um sentido estrito do termo diáspora, tendo como marco inicial um deslocamento coletivo – de forma forçada ou impelida – de um lugar ancestral ou de um lugar considerado melhor do que aquele da destinação do deslocamento involuntário.<sup>13</sup> Em segundo lugar, diáspora tem a ver com uma permanência num destino arbitrário e à revelia dos indivíduos e, em geral, em condições adversas. Por último, a diáspora fomenta um desejo coletivo de retorno ou de idealização do lugar “perdido”. Por isso, deve-se descartar de chofre qualquer sinonímia automática entre processos migratórios e de diásporas.

A diáspora tem uma temporalidade que é fundamental à identidade do grupo. Dito de outra maneira, trata-se de uma condição temporal na qual os indivíduos se situam como se estivessem na intersecção entre passado (deslocamento forçado ou impelido), presente (lugar não escolhido) e futuro (retorno ao lugar predileto). Essa temporalidade múltipla (de uma experiência passada, de uma situação atual e de uma projeção futura) apresenta memória coletiva, geralmente, compartilhada por mais de uma geração.

Com base nas diásporas modernas, cabe ainda destacar o caráter minoritário de um grupo étnico ou nacional que vive(u) a experiência da diáspora. Do conjunto de características de um “grupo diasporico” vale lembrar ainda a amplitude de sua dispersão.<sup>14</sup> Apesar da grande dispersão de europeus, sobretudo ingleses, irlandeses, italianos e alemães durante o século XIX, deve-se ressaltar que essa migração em massa da Europa para países como EUA, Argentina, Brasil ou Austrália não se enquadra na definição de diáspora proposta acima.

No caso dos alemães, milhões deles se encontravam dispersos em vários países (como EUA e Brasil) no final do século XIX. Também havia um pequeno número deles em colônias na África, num enclave portuário na China e em ilhas do Pacífico como Nova-Guiné e Samoa. A “escolha” do destino se fazia, em parte, por cadeia (*chain migration*), ligando os migrantes recém-chegados àqueles já instalados. Os alemães reproduziam alhures, principalmente nas colônias alemãs, sua cultura devido, entre outros fatores, à prática de uma vida associativa. As associações promoviam várias atividades que favoreciam a consciência de uma identidade cultural ou nacional. Dispersos em vários países e ainda nas colônias ultramarinas do Império alemão à época do II Reich, as comunidades alemãs tinham contatos entre si, principalmente por meio de suas associações civis e religiosas, como também pela imprensa em língua alemã que informava sobre a situação na Alemanha e dessas comunidades alemãs no Ultramar. Escusado lembrar que a dispersão dos alemães era um tema caro aos ideólogos do pangermanismo do período guilhermino. As colônias eram percebidas como uma segunda pátria, uma segunda *Heimat*.<sup>15</sup>

Porém, toda essa dispersão dos alemães no século XIX não representou uma diáspora pelo seguinte:

<sup>13</sup> Ver nota 7

<sup>14</sup> BRUNEAUX, Michel. *Diasporas et espaces transnationaux*. Paris: Ed. Economica, 2004.

<sup>15</sup> JAEGER, Jens. *Colony as Heimat? The Formation of Colonial Identity in Germany around 1900*. *German History*, vol. 27, 4, 2009, p. 467-489.

- a) não foi forçada;
- b) o lugar de destino não foi escolhido à revelia dos indivíduos;
- c) o retorno à pátria não estava na projeção futura das coletividades ultramarinas; aliás, muitas delas se empenharam em fundar *Novas Alemanhas* no Ultramar.

Contudo, quando a então colônia alemã do sudoeste africano foi ocupada pelas tropas sul-africanas em setembro de 1914, a deportação de centenas de alemães para a então União Sul-Africana foi um dos primeiros casos de “diáspora branca” pelo Atlântico Sul do século XX.<sup>16</sup> Cabe ressaltar que ela é ulterior a outra “diáspora branca”, isto é, a partida de centenas de famílias bôeres pelo Atlântico Sul rumo à Patagônia.<sup>17</sup>

### A deportação da população civil da Baía de Lüderitz em 1914

Poucas semanas depois da declaração de guerra na Europa, no início de agosto de 1914, tropas britânicas e sul-africanas invadiram a Baía de Lüderitz, onde havia uma pequena comunidade alemã. O desembarque das tropas de ocupação ocorreu em meados de setembro de 1914. Não houve resistência alemã. A população civil local foi submetida a toque de recolher, ao racionamento de víveres, etc. Logo depois, uma boa parte dela foi deportada para o território sul-africano. Da população masculina, centenas de pessoas foram enviadas para Pretória ainda em setembro. Centenas de mulheres e crianças foram deportadas em outubro. A notícia da deportação dos alemães chegou rapidamente ao porto marítimo de Swakopmund, no litoral norte da atual Namíbia. Centenas de mulheres e crianças daquela localidade buscaram refúgio no interior da colônia alemã, principalmente na cidade de Windhoek. Mas a rebelião de um grupo de soldados bôeres atrasou de certa forma a ocupação britânica e sul-africana de toda a colônia.<sup>18</sup> Além disso, as tropas militares alemãs continuavam a guerra em solo africano.

Em janeiro de 1915, Swakopmund foi ocupada. Mas a cidade se encontrava vazia.<sup>19</sup> Em termos numéricos, as tropas sul-africanas eram muito superiores, ao contingente de soldados alemães que se encontrava na colônia. Entre ativos e reservistas, a tropa alemã *Schutztruppe* contava com algo em torno de 5.000 homens. Em maio de 1915, o general bôer Louis Botha marchou rumo a Windhoek e dois meses depois foi assinada a rendição alemã na colônia do sudoeste africano.<sup>20</sup> Os oficiais da *Schutztruppe* puderam manter suas armas e sua montaria e podiam voltar às suas casas.<sup>21</sup> Porém, milhares de soldados alemães foram retidos no campos de prisioneiros de Aus, a meio caminho entre Lüderitz e Keetmanshoop.<sup>22</sup>

<sup>16</sup>A primeira “diáspora branca” do século XX e no Atlântico Sul ocorreu após a guerra anglo-bôer (1899-1902) quando milhares de bôeres se dispersaram em várias direções como para os EUA e Argentina e ainda para outras partes da África, como a região de Huíla, em Angola. Sobre as centenas de famílias africanas que foram para a Patagônia, na Argentina, durante o governo do Gen. Julio Roca, ver MENENDEZ, A. La colonización bôer en la Patagônia. Boletín de la Academia Nacional de Historia. XLIII, 1970, p.345-349; CHINGOTTO, Mario R. “La migración bôer en la Patagônia”, Boletín del Centro Naval, N. 690, 1972, p.11-22; DU TOIT, Brian. Colonia Boer: An Afrikaner Settlement in Chubut, Argentina. New York: Edwin Mellen Press, 1995; PINEAU, Marisa. “Los sudafricanos miraron al Atlántico. La migración Boer a Argentina”, II RIHA, 1996, p.273-277. Sobre a diáspora africana para México e EUA, ver ainda DU TOIT, Brian: “Boer Settlers in the Southwest”. Southwestern Studies N.101 Series El Paso, Texas: Texas Western Press, 1995.

<sup>17</sup>Depois da declaração da União Sul-Africana em 1910, muitas famílias bôeres, que foram para a Argentina, retornaram para a África do Sul. PINEAU, Marisa. “Los sudafricanos miraron al Atlántico. La migración Boer a Argentina”, II RIHA, 1996, p.276.

<sup>18</sup>Sobre a participação de soldados bôeres ao lado das tropas alemãs, ver: McGREGOR, Gordon. Das Burenfreikorps von Deutsch-Südwestafrika 1914-1915. Windhoek: Namibia Wissenschaftliche Gesellschaft, 2010.

<sup>19</sup>RAUTENBERG, Hulda. Das alte Swakopmund (1892-1919). Neumünster: Karl Wachholtz Verlag, 1967, p. 277-280.

<sup>20</sup>WESSELING, Henri. Les empires coloniaux européens. 1815-1919. Paris: Gallimard, 2004, p. 475.

<sup>21</sup>HACKLÄNDER, Daisy. Heute heißt dieses Land Namibia. Erinnerungen an die Pionierzeit in Südwest Afrika. Buchenbach, 1983, p.77.

<sup>22</sup>National Archives of Namibia (NAN) AUS (1915/1919) 0002, 1/1/077.





Desembarque de tropas britânicas e sul-africanas em Lüderitzbucht, 18.9.1914.

Brodersen-Manns, Hertha. *Wie alles anders kam in Afrika*. 1991, p.14.

A deportação de alemães para a então União Sul-Africana e a vida destes em campos de prisioneiros ainda não mereceram um estudo aprofundado. A recente historiografia alemã tem dado ênfase à deportação e aos campos de concentração de prisioneiros nativos durante a guerra colonial (1904-1907) na Namíbia.<sup>23</sup> Sobre a deportação de alemães para território sul-africano, as fontes são poucas.<sup>24</sup> Há referência em algumas publicações em língua alemã e inglesa.<sup>25</sup>

Sobre os motivos para a deportação da população civil da Baía de Lüderitz pouco se sabe. O apelo do governador alemão Dr. Theodor Seitz ficou sem uma resposta oficial por parte do governo da União Sul-Africana.<sup>26</sup> Pode-se conjecturar um imperativo logístico, ou seja, uma demanda urgente das tropas sul-africanas por alojamento e abastecimento. Não se deve subestimar o fato de que a deportação da população civil resolvia parcialmente o problema da escassez de água potável para milhares de soldados estacionados na Baía de Lüderitz. Por fim, vale lembrar que a Baía de Lüderitz fazia parte de uma área diamantina desde 1908.

### As péssimas condições da viagem marítima

As condições da deportação e da viagem marítima para a África do Sul, entre setembro e outubro de 1914, restam praticamente ignoradas. Dos diferentes envios realizados entre setembro e outubro do porto da Baía de Lüderitz, têm-se algumas informações das condições da viagem apenas da terceira remessa em outubro de 1914. A informante foi uma jovem de Hamburgo.

Hertha Brodersen-Manns (1891-1959) chegou na então colônia alemã do sudoeste africano no início de março de 1914. Uma nota do jornal local informa sobre o seu desembarque no porto da Baía de Lüderitz com mais alguns passageiros.<sup>27</sup> Entre eles, o Dr. Lübber com quem ela iria trabalhar como secretária em seu escritório de advocacia por alguns meses. O início da Guerra na Europa, em agosto de 1914, teve impactos imediatos sobre a vida da jovem hamburguesa e de toda a população civil residente na Baía de Lü-

<sup>23</sup>MEDARDUS, Brehl. "Diese Schwarzen haben vor Gott und Menschen den Tod verdient." Der Völkermord an den Herero 1904 und seine zeitgenössische Legitimation. in: BRUMLIK, Micha; WOJAK, Irmtud (Hrsg.): *Völkermord und Kriegsverbrechen in der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts*: Campus Verlag, 2004; ZIMMERER, Jürgen (Hrsg.): *Völkermord in Deutsch-Südwestafrika. Der Kolonialkrieg (1904-1908) in Namibia und seine Folgen*. Berlin: Links Verlag, 2003; OLUSOGA, D. and ERICHSEN, C. *The Kaiser's Holocaust: Germany's Forgotten Genocide And The Colonial Roots Of Nazism*. London: Faber & Faber, 2010.

<sup>24</sup>National Archives of Namibia (NAN) PML (1914/1915) 0006, 1/1/125; National Archives of South Africa (NASA) PAR 1/PMB, 3/1/1/2/9, 267A/14 Pietermaritzburg, Magistrate, Internment of German Prisoners of War (1914/1919); National Archives of South Africa (NASA), PAR 1/MTU, 3/4/2/4, DD34/370/14, German Prisoners of War (1914/1919).

<sup>25</sup>OELHAFEN, H. v. *Der Feldzug in Südwest 1914/1915*. Berlin: Safari Verlag, 1923; HENNIG, R. *Deutsch-Südwest im Weltkrieg*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1925; LENSSEN, H. E. *Chronik von Deutsch-Südwestafrika*. Windhoek: Namibia Wissenschaftliche Gesellschaft, 1988; RAYNER, W. S. and O'Shaughnessy, W. *How Botha and Smuts Conquered German South West. A Full Record of the Campaign from Official Information by Reuter's Special War Correspondents*. London: Simpkin, Marshall, Hamilton, Kent & Co., 1916, p.36.

<sup>26</sup>A União Sul-Africana foi criada em 1910. Fizeram parte dela a Colônia do Cabo, Natal, Orange e Transvaal. Seu primeiro ministro, o general Louis Botha, decidiu ocupar a Namíbia (então colônia alemã) com o apoio da marinha imperial britânica em meados de setembro de 1914. Botha receava uma aliança entre alemães e bóeres, sobretudo porque muitos africanos ainda estavam ressentidos com a derrota em 1902 e com a supremacia britânica.

<sup>27</sup>Lüderitzzucker Zeitung, 11.03.1914.  
<sup>28</sup>BRODERSEN-MANN, H. *Wie alles anders kam in Afrika. Südwest Erinnerungen aus den Jahren 1914/1915*, 1991, p.18-19.

deritz.

Juntamente com 300 outras pessoas, Hertha fez parte do terceiro envio de prisioneiros alemães para a África do Sul. Sua deportação ocorreu no início de outubro de 1914. O navio *Armada Castle* estava em condições deploráveis para o transporte até a Cidade do Cabo, pois o mesmo tinha sido utilizado para o transporte de gado vacum, muar e cavalos para as tropas sul-africanas. Também as condições das cabines, dos lavabos, dos toaletes eram precárias. As refeições eram poucas e nada apetitosas. Durante a viagem marítima, muitas pessoas adoeceram. A viagem foi marcada ainda pelo clima de incerteza com relação ao futuro em território estrangeiro e pelo descontentamento geral com as condições da viagem daquela “estrebaria flutuante” no Atlântico Sul.

Como o navio zarpou sem bandeira branca, tiros de canhoneiras foram ouvidos durante a noite. A viagem durou dois dias da Baía de Lüderitz até a Cidade do Cabo. Durante o desembarque, as baionetas dos soldados indicavam o caminho para o trem, onde se lia “*Prisoners of War from Lüderitz*”. Homens e mulheres foram separados nos vagões do trem. A viagem de trem durou três dias e três noites. As mulheres seriam enviadas para Pietermaritzburg enquanto que os homens para um campo de prisioneiros perto de Pretória.<sup>28</sup>

Mas nem todas as viagens marítimas foram nessas mesmas condições. Meses depois, uma nova leva de deportados alemães teria feito a viagem marítima até a Cidade do Cabo sem as mesmas queixas anteriores.<sup>29</sup> O retorno para o sudoeste africano em meados de 1915 também foi dentro da normalidade de uma viagem marítima à época.

## A vida nos campos de prisioneiros (1914-1915)

Em território sul-africano, a experiência de campos de prisioneiros para brancos já tinha sido introduzida durante a guerra anglo-bôer. Mais de cem mil pessoas foram aprisionadas nestes campos, onde morreram cerca de 30%, a maioria devido à epidemia de tifo. A segunda guerra anglo-bôer (1899-1902) também introduziu campos de concentração para a população africana. Calcula-se que o número de prisioneiros nestes campos tenha ultrapassado, igualmente, a casa dos cem mil.<sup>30</sup> Na então colônia alemã do sudoeste africano também houve campos de concentração durante a guerra colonial (1904-1908).<sup>31</sup>

Entre os alemães deportados para a África do Sul, alguns passaram a viver fora dos campos de prisioneiros. Algumas famílias alemãs de fazendeiros dos arredores “adotavam” mulheres e crianças que tinham sido deportadas.<sup>32</sup> Quem tinha meios para se sustentar, parentes na África do Sul ou mesmo uma oferta de emprego podiam deixar o campo de prisioneiros.<sup>33</sup> Porém, uma vez fora, não podia retornar.<sup>34</sup> Algumas mulheres conseguiam empregos como domésticas ou governantas em famílias de alemães, ingleses ou africanos. Não obstante da relativa liberdade advinda do emprego de doméstica ou governanta, vale lembrar da complexa relação de gênero, classe e “raça” que envolvia essas mulheres, pois elas se encontravam em zona liminar. Sobre a governanta, ela personifica um marco de fronteira do colonialismo doméstico. Ela tinha certa educação, mas lhe faltava ocasião de usá-la.

Fazia parte do grupo dos “brancos”, mas era da classe trabalhadora. Tinha a proteção

<sup>28</sup>BRODERSEN-MANN, H. *Wie alles anders kam in Afrika*, p.24.

<sup>29</sup>KESSLER, Stowell. *The Black Concentration Camps of the Anglo-Boer War, 1899-1902: Shifting the Paradigm From Sole Martyrdom to Mutual Suffering*. *Historia* 1: p.110-147, 1999; WARWICK, P. *Black People and the South African War, 1899-1902*. Cambridge University Press, 1983.

<sup>30</sup>Para uma versão sucinta sobre os campos de concentração e o genocídio na Namíbia, ver WALLACE, Marion. *A History of Namibia*. Capetown, 2012, p.172-177/177-182.

<sup>31</sup>Desde os meados do século XVII, a colonização holandesa do Cabo contou ainda com colonos huguenotes franceses e luteranos alemães. Descendentes desses “pioneiros” adentraram o território da atual Namíbia. Alguns chegaram até o sul de Angola no final do século XIX (WALLACE, Marion. *A History of Namibia*, p.88). A presença de bóeres, inclusive, gerou debates em matérias sobre a “questão bôer” (*Burenfrage*) ou sobre a “cafealização” (*Verkafferung*) na imprensa colonial em língua alemã. Na Namíbia, após a guerra colonial (1904-1908), alguns alemães defenderam a imigração de bóeres para o território da Hererolândia como o fazendeiro Conrad Rust que salientava a importância de colonos brancos, desde que houvesse também a “germanização” dos mesmos. Para isso, ver: RÜST, Conrad. *Krieg und Frieden im Hererolande. Aufzeichnungen aus dem Kriegsjahre 1904*. Leipzig: Kittler Verlag, 1905, p.538-541.

<sup>32</sup>Como já foi mencionado (nota 22), a circulação de colonos, comerciantes, missionários e aventureiros de origem alemã pela África austral ocorreu desde meados do século XVII, mas ela se tornou mais intensa com a participação da Alemanha na “Partilha da África”. Aliás, quando o agente Heinrich Vogelsang buscava um território para erigir um empório em nome do comerciante de Bremen, Adolf F. Lüderitz, ele obteve informações privilegiadas na Cidade do Cabo de um parente do missionário alemão Carl Hugo Hahn. Outro missionário alemão, Johannes Bam, foi intermediário da negociação entre o agente de Adolf F. Lüderitz e o líder dos Nama-Bethania, Joseph Frederiks, em Angra Pequena, depois denominada Baía de Lüderitz. (WALLACE, Marion. *A History of Namibia*, p.116). Nesse sentido, várias localidades na África do Sul tinham suas comunidades alemãs. Algumas delas, como a comunidade alemã da Cidade do Cabo, tinham escolas e associações que, entre outras atividades, desempenhavam importante papel na manutenção do germanismo (*Deutschtum*). Um exemplo é a sociedade de ginástica, fundada em meados de 1911. Os treinos eram realizados na *Deutsche Schule*, na Queen Victoria Street, como informa notícia do jornal local de Lüderitz (*Lüderitzbucher Zeitung*, 01.07.1911).

<sup>33</sup>BRODERSEN-MANN, Herta. *Wie alles anders kam in Afrika. Südwestlicher Erinnerungen aus den Jahren 1914/1915*. Windhoek, 1991, p.30-31.

<sup>34</sup>McCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial. Raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012, p.404.

<sup>35</sup>Alguns trechos dessas cartas foram reproduzidas no livro de Hertha Brodersen-Manns. BRODERSEN-MANN, Herta. *Wie alles anders kam in Afrika*, p.61-63.

<sup>36</sup>BRODERSEN-MANN, Herta. *Wie alles anders kam in Afrika*, p.25.

<sup>37</sup>National Archives of South Africa, Pretoria, Reference ES70/1292/14, Part 1 - 3, 1914.

<sup>38</sup>BRODERSEN-MANN, Herta. *Wie alles anders kam in Afrika*, p.21.

do privilégio racial, mas era vulnerável economicamente. Era paga pelo trabalho que a dona de casa fazia de graça.<sup>35</sup>

Algumas alemãs que conseguiram empregos como professora, governanta ou doméstica se queixaram, inclusive, que sua situação não era melhor do que a condição vivida nos campos de prisioneiros.<sup>36</sup> Mas a maioria das alemãs permaneceu nos campos de “refugiados”. Aliás, Hertha comentou em seu livro a ambivalência do termo *refugees* que substituía às vezes o de prisioneiros ou deportados.<sup>37</sup>

No *National Archives of South Africa* (NASA) há nos fundos de Maritzburg, uma lista dos deportados alemães de 1914. Tem-se um número total de 470 (mulheres e crianças).<sup>38</sup> Essa lista é mais completa do que aquela que foi publicada por Hertha Brodersen-Manns em seu livro. Considerando os outros campos de deportação (Pretoria, Kimberley...) pode-se fazer uma estimativa em torno de mil deportados civis entre homens, mulheres e crianças.

Desde os primeiros dias no campo de “refugiados”, Hertha apontou para vários inconvenientes como a promiscuidade, já que as mulheres deveriam compartilhar grupos os poucos dormitórios, a falta de silêncio, pois o choro das crianças era constante durante as primeiras noites, e a pouca solidariedade de algumas mulheres nas atividades cotidianas como cozinhar, etc. Também havia pouco carvão e pouca lenha para o uso diário.<sup>39</sup>

Depois de alguns dias no “Campo Vermelho”, as mulheres foram para o “Campo Grande” no dia 13 de outubro de 1914. Neste segundo campo, Hertha dividiu um barracão com mais 24 mulheres. Depois da primeira experiência, as mulheres sem crianças evitaram compartilhar os barracões com aquelas que tinham filhos. O mês de outubro foi marcado ainda por chuvas que molhavam dentro dos barracões. Apesar de alguns problemas, Hertha apontou para alguns aspectos positivos como o baixo custo de certos produtos alimentícios em relação ao elevado custo de vida na Baía de Lüderitz e a possibilidade de certas comemorações, inclusive o aniversário do imperador alemão.<sup>40</sup>

Duas semanas depois de instaladas no “Campo Grande”, houve nova ordem de mudança porque havia rumor de que bôeres rebeldes visavam liberar os prisioneiros alemães.<sup>41</sup> Por isso, muitas mulheres retornaram ao “Campo Vermelho”. Juntamente com outras, Hertha foi para o “Campo Verde”. O “Campo Grande” foi destinado aos prisioneiros alemães.

Durante a estadia compulsória na África do Sul, o cotidiano da vida no internato foi destaque nas memórias de Hertha e a maior parte do seu livro discorre sobre a rotina, algumas atividades diárias, etc. Destacam-se, contudo, alguns passeios que foram realizados durante aquele período em solo estrangeiro. Em meados de novembro de 1914, as alemãs receberam a autorização para fazer passeios a cada duas semanas. Esses passeios eram realizados em pequenos grupos e sob a tutela de “nurses” do internato. Depois, as alemãs já podiam passear sem tutela, mas precisavam, igualmente, obter uma permissão.<sup>42</sup> No final de fevereiro de 1915, algumas mulheres receberam a permissão para passar um dia em Durban. Nessa ocasião, puderam visitar o Jardim Zoológico e o Jardim Botânico da cidade. Também puderam se banhar no elegante balneário de Durban.<sup>43</sup> Vale lembrar que a permissão para as prisioneiras alemãs se inscreve numa forma de “privilégio da cor” já que africanos e indianos, por exemplo, não tinham o mesmo direito de frequentar certos “espaços públicos” como o balneário de Durban.<sup>44</sup>

<sup>40</sup>BRODERSEN-MANN, Herta. *Wie alles anders kam in Afrika*, p.23-25

<sup>41</sup>Bôeres e alemãs já tinham compartilhado experiências beligerantes. Durante a guerra na Namíbia (1904-1908) havia bôeres a serviço das tropas alemãs. Ver RUST, Conrad. *Krieg und Frieden im Hererolande*, p.391-394.

<sup>42</sup>BRODERSEN-MANN, Herta. *Wie alles anders kam in Afrika*, p.32.

<sup>43</sup>BRODERSEN-MANN, Herta. *Wie alles anders kam in Afrika*, p.47-48.

<sup>44</sup>Sobre um breve histórico da segregação nas praias de Durban, ver: MAHARAJ, B. *The Historical Development of the Apartheid Local State in South Africa: The Case of Durban*, *International Journal of Urban and Regional Research*, n°20, p. 587-600, 1996.

<sup>45</sup>BRODERSEN-MANN, Herta. *Wie alles anders kam in Afrika*, p.35.

<sup>46</sup>BRODERSEN-MANN, Herta. *Wie alles anders kam in Afrika*, p.33-34.

<sup>47</sup>BRODERSEN-MANN, Herta. *Wie alles anders kam in Afrika*, p.34-35.



Em alguns casos, essas permissões eram suspensas, por exemplo, quando o campo ficou fechado por duas semanas por causa da escarlatina e, depois, outra vez, por causa da difteria. Uma vez fechado, ninguém entrava, ninguém saía.<sup>45</sup>

No campo havia uma produção “caseira” de comidas e bebidas. Entre elas, uma aguardente feita com cascas de batatas.<sup>46</sup> Entre os homens, alguns procuravam passar o tempo jogando futebol. Outros pensavam em fugir. Inclusive, um túnel foi cavado, mas descoberto por causa de um delator. O alemão delator teria sido morto pelos seus compatriotas, se não fosse a intervenção dos vigias. Também sua mulher era considerada, pelas outras alemãs, como uma “leva-e-traz” entre as prisioneiras e as “nurses” do internato.<sup>47</sup>

Em termos de comunicação com o exterior, durante visitas ou passeios, os internos encontravam compatriotas que informavam sobre o que se passava no sudoeste africano e mesmo na Europa. Também liam revistas e jornais. As cartas eram censuradas.

Em fevereiro de 1915, havia especulações sobre a possibilidade de todos os internos serem enviados para a Alemanha. Um mês depois, começou os preparativos para mais uma mudança. Os prisioneiros civis da Baía de Lüderitz poderiam viver com suas famílias no campo de Robert Heights. Já os soldados alemães aprisionados tiveram que permanecer nos campos de Kimberley e Maritzburg. A única exceção foi para um ex-soldado alemão que foi aquartelado no campo de Robert Heights. Por ser considerado um traidor, ele era alvo da ira dos 150 alemães ali reclusos. Mas havia ordem expressa para mandar de volta ao campo dos prisioneiros de guerra qualquer um que o agredisse.<sup>48</sup>

Neste último campo, a situação parece ter melhorado. Porém, a deportação fizera com que pessoas vivessem juntas à revelia de suas simpatias por outrem. Hábitos ou vícios de outras pessoas eram também parte do cotidiano da vida reclusa. O alcoolismo de alguns, o mal-humor ou a impertinência de outros e a baixa solidariedade de alguns tornavam, às vezes, muito difícil o dia-dia. Brigas e discórdias não eram raras. Além disso, as distâncias sociais de outrora não eram as mesmas nesses lugares, onde, por exemplo, algumas prostitutas do campo de diamantes da Baía de Lüderitz passaram a dividir o mesmo espaço e o mesmo cotidiano com as mulheres da elite local de outrora. Em suas memórias, Hertha fez menção a duas mulheres que trabalharam num bordel.<sup>49</sup> A mais jovem delas conseguiu ser contratada para cuidar de crianças no Transvaal e por lá ficou, sem retornar para a Namíbia. Aliás, a presença alemã na paisagem humana da África do Sul já era comum no final do século XIX. Na literatura sul-africana se encontram personagens alemães na figura de caçador, missionário, comerciante, colono ou empregado(a). Para dar um exemplo, o capataz Otto Farber, de *A estória de uma fazenda africana* (1883), primeira novela de Olive Schreiner (1855-1920); inclusive, a autora era uma escritora sul-africana com origem alemã.

### O retorno para a ex-colônia alemã

No dia 9 de julho de 1915, os prisioneiros alemães na África do Sul receberam a notícia da rendição dos oficiais e soldados da *Schutztruppe* do sudoeste africano.<sup>50</sup> Isso abria a possibilidade de um retorno em breve. Porém, os alemães que poderiam retornar para a Namíbia não imaginavam que aquele território deixaria de ser uma colônia alemã. Duas semanas depois, veio a ordem de retorno à “pátria perdida” (*verlorene Heimat*). Algumas mulheres que tinham emprego ou que se casaram - aliás, com africanos - não retornaram. Segundo as memórias da jovem Hertha, as mulheres alemãs eram

<sup>48</sup>BRODERSEN-MANN, Herta. Wie alles anders kam in Afrika, p.51-52

<sup>49</sup>BRODERSEN-MANN, Herta. Wie alles anders kam in Afrika, p.54.

<sup>50</sup>BRODERSEN-MANN, Herta. Wie alles anders kam in Afrika, p.63.

<sup>51</sup>BRODERSEN-MANN, Herta. Wie alles anders kam in Afrika, p.64. O feminismo de Olive Schreiner acusava o casamento como único destino social das mulheres brancas na África do Sul. Sobre os limites do feminismo colonial, ver McCLINTOCK, Anne. Couro Imperial. Raça, gênero e sexualidade no embate colonial, p.377-430.



consideradas boas donas de casa.<sup>51</sup> Além disso a relação cultural de mais de um século, entre alemães e africanos, já havia constituído um mercado matrimonial entre colonos de ambos os grupos.

Apesar dessa condição cultural que emprestava certa familiaridade ao período de exílio na África do Sul, a maioria das mulheres retornou para a Baía de Lüderitz. Durante a viagem até a Cidade do Cabo, segundo o relato de Hertha, o trecho por terra tanto em carros de mulas quanto de trem foi ruim. Durante o trajeto ferroviário, aliás, os alemães viram passar comboios com tropas britânicas que retornavam do outro lado da fronteira.

Em finais de julho de 1915, Hertha e centenas de outros alemães partem da Cidade do Cabo para a Baía de Lüderitz. As condições do navio para essa viagem eram bem diferentes daquela do início de outubro de 1914. Além da limpeza das cabines, havia uma lista com a divisão preliminar dos passageiros por cabines de primeira, segunda e terceira classe. Apesar da melhor organização, ordem e limpeza para a viagem de retorno, houve uma série de queixas; afinal, ninguém pagou a viagem, então, alguns reclamavam pela distribuição aleatória das cabines. No restaurante do navio, os garçons ingleses se recusaram, por seu turno, a servir os comensais alemães. Mas estes últimos não deixaram por menos e puseram em prática o *self service*.

O retorno ao “lar” foi marcado por forte emoção, segundo o relato de Hertha. Para muitos dos retornados foi uma prova difícil constatar que seus bens tinham sido pilhados ou se encontravam avariados. Também Olga Levinson mencionou o saque praticado por soldados na Baía de Lüderitz quando houve a ocupação sul-africana.<sup>52</sup> Além disso, muitas casas se tornaram alojamentos para soldados das tropas de ocupação. Na verdade, as tropas eram compostas por soldados de todas partes do império britânico. Segunda uma testemunha ocular, Daisy Hackländer, sob o comando do general Smuts, havia ingleses, escoceses, bôeres e australianos.<sup>53</sup> Durante a guerra, as tropas se serviram de gado, cavalos e galinhas das fazendas. Também podia ficar comprometido, com a passagem das tropas, o reservatório de água das fazendas. Esse era um dos grandes temores das famílias alemãs quando retornavam para suas propriedades rurais.<sup>54</sup>

No meio urbano também houve perda e avaria de bens. Hertha foi uma que nada dos seus pertences encontrou.<sup>55</sup> Além disso, muitas firmas e empresas fecharam e faltavam empregos para homens e mulheres. A rendição dos soldados alemães não representou o fim dos campos de prisioneiros, pois a guerra em outras partes da África continuava. Em campos de concentração, milhares de soldados esperaram o desfecho do conflito bélico. Para a população civil que retornou à Baía de Lüderitz foi imposto toque de recolher às 21 horas e foi proibido o consumo de bebidas alcoólicas.<sup>56</sup>

Em 1915, a população alemã do território ocupado pelas tropas britânicas e sul-africanas fazia face a uma economia de guerra. Além da desvalorização da moeda alemã, havia um forte desemprego. Muitos estavam impossibilitados de exercer suas atividades tanto no setor público quanto no privado. Entre outras firmas e empresas que fecharam, constam os jornais locais de Lüderitz, Swakopmund e Windhoek.

A população civil se encontrava isolada, sem correspondência com parentes na Alemanha. As poucas notícias vinham quase exclusivamente do campo inimigo. Isso dava margem à boataria, à incerteza. Entre os fazendeiros alemães havia o receio de levantes nativos.<sup>57</sup> O contexto beligerante fa-

<sup>52</sup> LEVINSON, Olga. Diamonds in the Desert. The story of August Stauch and his times. Capetown: Tafelberg, 1983, p.115.

<sup>53</sup> HACKLÄNDER, Daisy. Heute heißt dieses Land Namibia. Erinnerungen an die Pionierzeit in Südwest Afrika. Buchenbach, 1983, p.78.

<sup>54</sup> HACKLÄNDER, Daisy. Heute heißt dieses Land Namibia, p.82.

<sup>55</sup> BRODERSEN-MANN, Herta. Wie alles anders kam in Afrika, p.66.

<sup>56</sup> BRODERSEN-MANN, Herta. Wie alles anders kam in Afrika, p.67.

<sup>57</sup> HACKLÄNDER, Daisy. Heute heißt dieses Land Namibia, p.71.

<sup>58</sup> HACKLÄNDER, Daisy. Heute heißt dieses Land Namibia, p.89.

<sup>59</sup> HACKLÄNDER, Daisy. Heute heißt dieses Land Namibia, p.91.

<sup>60</sup> HACKLÄNDER, Daisy. Heute heißt dieses Land Namibia, p.94-95.

<sup>61</sup> WALLACE, Marion. A History of Namibia, p.207.

<sup>62</sup> WALLACE, Marion. A History of Namibia, p. 219.

<sup>63</sup> HACKLÄNDER, Daisy. Heute heißt dieses Land Namibia, p.131;

HOLSTEIN, Christine. Deutsche Frau in Südwest. Leipzig, 1937, p. 135.

vorecia o abigeato.<sup>58</sup> Linhas de crédito rural e demais financiamentos do então banco agrícola passaram ao controle de um banco inglês.<sup>59</sup> Houve ainda pragas.<sup>60</sup> Fazendas abandonadas, casas comerciais falidas, parte da população branca masculina ainda aprisionada, moeda desvalorizada, desemprego e empobrecimento abalavam a estrutura comunitária dos alemães no sudoeste africano. Muitos acabariam retornando para a Alemanha ou indo para a África do Sul nos primeiros anos do *post bellum*. Também as populações nativas passaram por enormes dificuldades durante os anos de 1914 e 1915, sobretudo a comunidade *ovambo*. A fome e a penúria provocaram alta mortalidade, obrigando muitos a se refugiar em outras regiões.<sup>61</sup>

A ocupação e a posterior tutela sul-africana provocaram diferentes formas de migração pelo território namibiano. Uma política de povoamento atraiu famílias de pobres brancos (*poor whites*) da África do Sul para as quais foram destinadas centenas de propriedades rurais. Embora famílias bóeres já fizessem parte da paisagem humana da colônia alemã do sudoeste africano, o número da população branca duplicou sob o mandato sul-africano.<sup>62</sup>

Em relatos de mulheres alemãs que testemunharam a chegada de famílias africanas, a falta de capital desses imigrantes teve impacto na estrutura rural, inclusive com relação à desvalorização das terras.<sup>63</sup> Por outro lado, houve uma grande emigração de alemães. Em 1912, a população alemã na Namíbia era em torno de 13.000 habitantes. Em 1920, a população alemã na ex-colônia não chegava a 7.000 habitantes. Como as baixas dos soldados da *Schutztruppe* durante a I Guerra Mundial ficou na casa dos mil, a emigração foi a principal responsável pelo decréscimo da população alemã daquele território sob tutela sul-africana a partir de 1920.

Desde meados de 1915 houve uma dispersão da comunidade alemã do sudoeste africano. Além do retorno à Alemanha, África do Sul, Argentina, Brasil ou Estados Unidos da América foram alguns destinos alternativos. Para os que viveram a “experiência diaspórica” em território sul-africano, os primeiros anos do regresso ao sudoeste africano foram difíceis. Poucas semanas depois do seu retorno à Baía de Lüderitz, a jovem Hertha Brodersen foi para a cidade de Windhoek, onde casou-se com Edmund Manns, um ex-soldado alemão que ela conheceu durante a diáspora. Eles residiram em Windhoek por alguns anos. Ela conseguiu emprego num banco agrícola.

Uma nota do jornal local da Baía de Lüderitz informa que Hertha Manns (nascida Brodersen) retornou para a Alemanha com seus dois filhos em meados de 1921.<sup>64</sup> Como sócia de uma firma de comércio (Hurt & Manns) em Dresden, Hertha permaneceu quase 5 anos na Alemanha. Em 1926 retornou definitivamente para a Namíbia. Nos anos seguintes, deu a luz a mais duas crianças. Escreveu contos e crônicas para o jornal local. Em 1945, perdeu seu filho primogênito no front. Em 1957, morreu seu marido. Dois anos depois, Hertha foi enterrada no cemitério da Baía de Lüderitz, onde também se encontram outras mulheres que viveram a mesma diáspora.

### Considerações finais

Após 1908, o colonialismo alemão entrava numa nova fase, não apenas pelo fim da guerra contra os grupos *herero* e *nama*, mas pela descoberta de diamantes nos areais da Baía de Lüderitz. Mas com o início da Grande Guerra em agosto de 1914, a comunicação entre metrópole e colônia seria interrompida com a ocupação sul-africana que não se fez demorar. Nas águas do Atlântico Sul, navios mercantes se fizeram raros, ao contrário dos navios de guerra e submarinos.

Da Baía de Lüderitz, centenas de homens, mulheres e crianças foram deportados para a África do Sul. As condições desse êxodo podem ser caracte-

<sup>64</sup>Lüderitzbucher Zeitung, 24.08.1921.

<sup>65</sup>FALKENHAUSEN, Hélène v. *Ansiedler-Schicksale. 11 Jahre in Deutsch-Südwestafrika: 1893-1904*. Swakopmund, 2000.

<sup>66</sup>PFINGSTEN, Otto. *Das Schicksal der Else Sonnenberg im Herero-Aufstand. Das Geschehen 1904 in Deutsch-Südwestafrika*, Wendeburg: Verlag Uwe Krebs, 2004, p.49.

rizadas também como uma diáspora. Com a rendição dos soldados da então colônia alemã do sudoeste africano, em julho de 1915, os deportados civis na África do Sul puderam retornar. O retorno não significou, contudo, um regresso aos tempos de outrora. A Namíbia ficaria sob mandato britânico até 1919 e sob tutela da União Sul-Africana a partir de 1920.

A “diáspora branca” pelo Atlântico Sul tem merecido pouca atenção dos estudos pós-coloniais. No entanto, a nova historiografia sugere interpretações das relações entre gênero, “raça” e classe para além das oposições binárias como homem e mulher, europeu e africano, branco e negro ou colonizador e colonizado. O estudo da deportação de alemães para o território sul-africano em 1914 pode contribuir para enriquecer a historiografia das diásporas do século XX.

Essa experiência vivida por centenas de alemães foi precedida por outra “diáspora branca” pelo Atlântico Sul: de centenas de famílias africânderes, logo após a Guerra Anglo-Bôer. Os trajetos marítimos, a expressão demográfica e a duração dessas diásporas brancas não têm termos de comparação com a diáspora africana para as Américas. Longe de qualquer pretensão de comparar essas experiências, a proposta deste trabalho foi evidenciar uma diáspora pouco conhecida dos historiadores que trabalham com a África do período colonial.

A trajetória da jovem Hertha é um exemplo de como o imperialismo e o colonialismo não foram sinônimos de garantia ao seu projeto de vida e de tantas outras mulheres brancas. Como tantas outras mulheres alemãs que migraram para a África, Hertha teve o seu projeto de vida radicalmente alterado pela guerra de 1914. Dez anos antes, Hélène von Falkenhausen teve que deixar a Namíbia por causa de outra guerra.<sup>65</sup> Também a viúva Else Sonnenberg e seu filho Werner retornaram para a Alemanha em 1904. Werner Sonnenberg atravessaria ainda o Atlântico na década de 1920. Dessa vez para se estabelecer no Rio de Janeiro.<sup>66</sup>

Os relatos de Daisy Häcklander e Lydia Höpker, para ficar em dois exemplos, também trazem vários exemplos do quanto suas trajetórias de vida foram plasmadas pelas contingências de um contexto colonial. Mesmo compartilhando das ideias e dos valores do imperialismo e do colonialismo, certas mulheres vivenciaram certas experiências de forma singular. Afinal, pertencimento étnico, social e gênero são categorias que se relacionam entre si e condicionam as experiências dos indivíduos.

As vicissitudes e mesmo algumas tragédias na trajetória coletiva ou individual de mulheres alemãs na África do período colonial, não anulam a ambivalência em suas experiências de vida. No caso do colonialismo alemão, a participação feminina tem sido alvo de estudos sob a orientação das teorias pós-coloniais.<sup>67</sup> Isso não significa que os estudos das diásporas possam ser reduzidos a questões de gênero e/ou de “raça”. Para além de oposições binárias e redutoras, eles invocam uma compreensão mais complexa e nuançada das relações entre grupos africanos e não-africanos na África colonial e pós-colonial.

### Referências Bibliográficas

- ALENCASTRO, Luiz F. O trato dos viventes. O Brasil na formação do Atlântico. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- AUSTEN, Ralph. “The Uncomfortable Relationship: African Enslavement in the Common History of Blacks and Jews, in: ADAMS, Maurianne; BRACEY, John H. (org.) Strangers & Neighbors: Relations Between Blacks & Jews in the United States. University Massachusetts Press, 1999.
- BECHHAUS-GERST, M.; LEUTNER, Mechthild (Hg.) Frauen in den deutschen Kolonien, Berlin: CH Links Verlag, 2009.
- BRODERSEN-MANN, Herta. Wie alles anders kam in Afrika. Südwester Erinnerungen aus den Jahren 1914/1915, Windhoek, 1991.

<sup>67</sup> Sobre feminismo e colonialismo alemão, entre outros trabalhos, vale destacar os seguintes: WILDENTHAL, Lora. A New Colonial Femininity: Feminism, Race Purity, and Domesticity, 1898-1914, German Women for Empire, Durham: Duke University Press, 2001; DIETRICH, Anette. Weiße Weiblichkeiten: Konstruktionen von „Rasse“ und Geschlecht im deutschen Kolonialismus. Bielefeld: Transcript Verlag, 2007; BECHHAUS-GERST, M.; LEUTNER, Mechthild (Hg.) Frauen in den deutschen Kolonien, Berlin: CH Links Verlag, 2009; TODZI, Kim S. Rassifizierte Weiblichkeit. Der „Frauenbund der deutschen Kolonialgesellschaft“ zwischen weiblicher Emanzipation und rassistischer Unterdrückung. GRIN Verlag für akademische Texte, 2009.



- BRUNEAUX, Michel. *Diasporas et espaces transnationaux*. Paris: Ed. Economica, 2004.
- CHINGOTTO, Mario R. "La migración bóer en la Patagónia", *Boletín del Centro Naval*, N. 690, 1972.
- COATES, Timothy. J. *Degredados e Órfãs: colonização dirigida pela coroa no império português. 1550-1755*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998, p.165.
- COHEN, Robin. *An Introduction*. New York: Routledge, 2008.
- COHEN, Robin. *Diasporas and the nation-state: from victims to challengers*. *International Affairs (Royal Institute of International Affairs)* vol. 72, No. 3, *Ethnicity and International Relations* (Jul., 1996), pp. 507-520;
- COHEN, Robin. *Global Diasporas. An Introduction*. New York: Routledge, 2008.
- D'ALMEIDA-TOPOR, Hélène. *Naissance des États Africains, XXe Siècle*. Paris: Casterman, 1996.
- DIETRICH, Anette. *Weißer Weiblichkeit: Konstruktionen von „Rasse“ und Geschlecht im deutschen Kolonialismus*. Bielefeld: Transcript Verlag, 2007.
- DRESCHER, Seymour. "The Role of Jews in the Transatlantic Slave Trade", in: ADAMS, Maurianne & BRACEY, John H. (org.) *Strangers & Neighbors: Relations Between Blacks & Jews in the United States*. University Massachusetts Press, 1999, p.106-115;
- DU TOIT, Brian. "Boer Settlers in the Southwest". *Southwestern Studies* N.101 Series El Paso, Texas: Texas Western Press, 1995.
- DU TOIT, Brian. *Colonia Boer: An Afrikaner Settlement in Chubut, Argentina*. New York: Edwin Mellen Press, 1995.
- FABER, Eli. *Jews, Slaves, and the Slave Trade: Setting the Record Straight*. New York University Press, 1998.
- FALKENHAUSEN, Hélène v. *Ansiedler-Schicksale. 11 Jahre in Deutsch-Südwestafrika: 1893-1904*. Swakopmund, 2000.
- FRIEDMAN, Saul S. *Jews and the American Slave Trade*. New Brunswick/New Jersey, 1998.
- HACKLÄNDER, Daisy. *Heute heißt dieses Land Namibia. Erinnerungen an die Pionierzeit in Süd-west Afrika*. Buchenbach, 1983.
- HENNIG, R. *Deutsch-Südwest im Weltkrieg*. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1925.
- HOLSTEIN, Christine. *Deutsche Frau in Südwest*. Leipzig: Koehler & Amelang, 1937.
- JAEGER, Jens. *Colony as Heimat? The Formation of Colonial Identity in Germany around 1900*. *German History*, vol.27, 4, 2009.
- KESSLER, Stowell. *The Black Concentration Camps of the Anglo-Boer War, 1899-1902: Shifting the Paradigm From Sole Martyrdom to Mutual Suffering*. *Historia* 1: p.110-147, 1999.
- LENSEN, H. E. *Chronik von Deutsch-Südwestafrika*. Windhoek: Namibia Wissenschaftliche Gesellschaft, 1988.
- LEVINSON, Olga. *Diamonds in the Desert. The story of August Stauch and his times*. Capetown: Tafelberg, 1983.
- MAHARAJ, B. *The Historical Development of the Apartheid Local State in South Africa: The Case of Durban*, *International Journal of Urban and Regional Research*, n°20, p. 587-600, 1996.
- McCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial. Raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- McGREGOR, Gordon. *Das Burenfreikorps von Deutsch-Südwestafrika 1914-1915*. Windhoek: Namibia Wissenschaftliche Gesellschaft, 2010.
- MEDARDUS, Brehl. "Diese Schwarzen haben vor Gott und Menschen den Tod verdient." *Der Völkermord an den Herero 1904 und seine zeitgenössische Legitimation*. in: BRUMLIK, Micha; WOJAK, Irmtrud (Hrsg.): *Völkermord und Kriegsverbrechen in der ersten Hälfte des 20. Jahrhunderts*: Campus Verlag, 2004.
- MENENDEZ, A. *La colonización bóer en la Patagónia*. *Boletín de la Academia Nacional de Historia*. XLIII, 1970.
- OELHAFEN, H. v. *Der Feldzug in Südwest 1914/1915*. Berlin: Safari Verlag, 1923.
- OLUSOGA, D. and ERICHSEN, C. *The Kaiser's Holocaust: Germany's Forgotten Genocide And The Colonial Roots Of Nazism*. London: Faber & Faber, 2010.
- PANTOJA, S. "A diáspora feminina: degredadas para Angola no século XIX (1865-1898)", *Revista Textos de História*, v.6, n.1 e 2, UnB: Brasília, 1998.
- PFINGSTEN, Otto. *Das Schicksal der Else Sonnenberg im Herero-Aufstand. Das Geschehen 1904 in Deutsch-Südwestafrika*, Wendeberg: Verlag Uwe Krebs, 2004.
- PINEAU, Marisa. "Los sudafricanos miraron al Atlántico. La migración Boer a Argentina", *II RIHA*, 1996.
- RAUTENBERG, Hulda. *Das alte Swakopmund (1892-1919)*. Neumünster: Karl Wachholtz Verlag, 1967.
- RAYNER, W. S. and O'Shaughnessy, W. *How Botha and Smuts Conquered German South West. A Full Record of the Campaign from Official Information by Reuter's Special War Correspondents*. London: Simpkin, Marshall, Hamilton, Kent & Co., 1916.
- RUST, Conrad. *Krieg und Frieden im Hererolande. Aufzeichnungen aus dem Kriegsjahre 1904*. Leipzig: Kittler Verlag, 1905.
- TODZI, Kim S. *Rassifizierte Weiblichkeit. Der "Frauenbund der deutschen Kolonialgesellschaft" zwischen weiblicher Emanzipation und rassistischer Unterdrückung*. GRIN Verlag für akademische Texte, 2009.
- USQUE, Samuel. *Consolação às tribulações de Israel*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.